


O Campo


Edição 16 • setembro | outubro • 2016

 Coopermota



PIMENTA CULTIVADA EM LARGA ESCALA

 Integração lavoura pecuária em Paraguaçu Paulista com resultados

 Eventos culturais dão ênfase ao cooperativismo

VEM AÍ

25, 26 E 27 DE JANEIRO



11^ª Cooper Show

TECNOLOGIA
DE OUTRO MUNDO
PARA A TERRA

DIVERSIFICAÇÃO DE CULTURAS

Cultivar grandes extensões de terra com apenas uma cultura, mantendo a sua opção de cultivo na sequência das safras por vários anos pode apresentar bons resultados a curto prazo diante de possíveis condições atrativas de mercado frente a determinado grão ou qualquer que seja a cultura extensionista optada. Para a garantia da competitividade e garantia da biodiversidade do solo e do ambiente, no entanto, a diversificação agrícola se mostra extremamente indicada para o produtor consciente da importância de uma atuação sustentável tanto ao ambiente quanto aos critérios econômicos.

Nesta edição da O Campo, abordamos o sucesso de diferentes culturas praticadas em áreas de atuação da Coopermota, seja com o cultivo de pimenta, ou com recursos de tecnologia alternativa como é o caso da bomba movida a energia solar. Tais resultados foram obtidos em atuações realizadas em áreas de maior porte, como é o caso da pimenta cultivada em cerca de 20 alqueires, ou em pequenas propriedades como foi verificado no sítio de Maracá, em que a bomba será utilizada para a manutenção do alambique que será construído pela família.

Esta edição confere uma atenção especial à diversificação de culturas, trazendo ainda a implantação do sistema de integração lavoura e pecuária em propriedade de Paraguaçu Paulista. A sucessão de culturas entre a soja, o feno ou a braquiária, o boi e novamente a soja vem sendo considerada atrativa pelo produtor rural responsável pela área. A diversificação continua abordada nesta edição com informações sobre variedades de mandioca cultivadas em ensaio realizados pelo IAC em diferentes municípios e com bons resultados para a região.

No setor destinado a reportagens do setor cultural, a revista O Campo traz algumas ações que compõem o Circuito SESCOOP de Cultura, com o teatro que teve sucesso de público, em Presidente Prudente, oficinas sobre o cooperativismo junto a estudantes do ensino fundamental, em Assis, e a abordagem ao tema ambiental a partir do teatro encenados a crianças atendidas pelo Centro Vocacional Frei Paulino, em Cândido Mota. A formatura de educadoras no curso sobre o cooperativismo em Iepê encerra o espaço dedicado a este tema.

Boa leitura!

Vanessa Zandonade

▲ Expediente

EDIÇÃO, REPORTAGENS,
FOTOS E REVISÃO
Vanessa Zandonade Mtb 43 463/SP

COLABORAÇÃO
Bruna Reis Mtb 55404/SP

ARTE E DIAGRAMAÇÃO
NOVAMCP Comunicação

IMPRESSÃO
Magraf

TIRAGEM
3000 exemplares

ANÚNCIOS
Departamento de Comunicação Coopermota
18 3341.9436/ 18 99163.0985

REPRESENTANTE COMERCIAL
Guerreiro Agromarketing - Maringá
Agromídia - São Paulo

REVISTA O CAMPO
Av. da Saudade, 85
Cândido Mota - SP
ocampo@coopermota.com.br

 **Coopermota**

PRESIDENTE
Edson Valmir Fadel

VICE PRESIDENTE
Antônio de Oliveira Rocha

DIRETOR SECRETÁRIO
Silvio Ap. Zanon Bellotto

Inicia-se mais uma safra verão

Entre os meses de setembro e novembro, os produtores da região de abrangência de atuação da Coopersmota realizam o plantio de mais uma safra verão, com prioridade para a cultura da soja em detrimento ao milho na maior parte da área a ser cultivada. Tendo em vista o período importante para a obtenção de bons resultados, a Coopersmota vem buscando auxiliar o produtor a ampliar a sua produtividade oferecendo assistência técnica eficiente, bons insumos e equipamentos adequados para o seu trabalho diário.

Sabemos que a safra inverno de 2016 foi concluída com o registro de intempéries climáticas como a seca, no início de plantio, e a geada, na conclusão do ciclo do milho, porém as consequências desta situação trouxeram reflexos variados entre uma região e outra. Para as culturas que serão plantadas a partir dos próximos meses, a expectativa, mais uma vez, é de bons resultados. Trabalhamos sempre para buscarmos a maior eficiência possível de nossas atividades, em parceria com o produtor rural.

Neste final de agosto, passamos por um momento importante na política do país, com a votação definitiva dos senadores sobre o Impeachment da, então presidente, Dilma Rousseff, o que a destituiu do cargo de maneira conclusiva neste processo que se estendeu por nove meses. Aguardamos agora as definições da condução política que o presidente Michel Temer determinará em seu governo, vislumbrando que as suas decisões auxiliem os agricultores em seu trabalho diário.

Boa safra!!

Edson Valmir Fadel
Presidente da Coopersmota

05

Picância na mesa e rendimentos nos negócios

08

Mandioca para indústria

11

Produtividade na soja

14

Energia solar para gastar menos

17

Geada e pecuária: efeitos ainda em vigor

22

Lançamento ADAMA

26

Soja, feno ou braquiária e gado

29

Literatura e ação social nos palcos

32

Kusodama e cooperação

37

Teatro, escola e meio ambiente

Cultivo de pimenta Picância na mesa e rendimentos nos negócios

Resolvi que além de ter a pimenta no prato, já que gosto bastante de acrescentar o molho de pimenta na comida, também a cultivaria no solo de minha propriedade”, diz agricultor

“**J**alapeño”. A origem dela é mexicana, mas essa pimenta vem trazendo bons resultados no que se refere à fonte de renda ao agricultor, nas proximidades da região de Presidente Prudente. O produtor Antônio Telles possui propriedade em Presidente Bernardes, próximo a Pirapozinho, e vem ampliando a sua atuação neste setor de forma gradativa, de acordo com os resultados que vem obtendo. Produtor já tradicional de cana e soja, encontrou nesta cultura uma importante alternativa de renda, há pelo menos três anos. Jalapeño é uma variedade híbrida de pimenta, originária da cidade mexicana que lhe dá nome, Jalapa. É considerada mediana, no ponto de vista de sua picância, tolerável para a produção de molho e derivados, porém apresenta frutos bastante grandes e com muita polpa.

A produção é cultivada de forma escalonada, de dezembro a maio, quando a temperatura está mais elevada, oferecendo panhas a partir de 90 dias. Normalmente são realizadas três colheitas em cada planta. Contudo, Telles destaca que o clima é o maior entrave que ocorre no desenvolvimento desta cultura. As chuvas e, neste ano especificamente, a geada, alteraram de alguma forma a produtividade da plantação. Embora a geada não tenha sido de grande intensidade na região, as baixas temperaturas afetam a produtividade das plantas. Aliado a isso, as chuvas registradas neste ano contribuem para a disseminação da Antracnose nos frutos. Em casos de muita chuva, esta doença pode ocasionar a perda de até 100% da produção. O produtor cultiva 20 alqueires de pimenta, totalmente irrigados pelo método de aspersão, impulsionado com carretel autopropelido.

“Eu sempre tive um sonho de ter alguma cultura alternativa. Já cultivava o tomate antes de começar com a pimenta. Há 12 anos, trabalhei em uma empresa em que eu atuava na produção da pimenta e então, quando parei com o tomate, resolvi que ia cultivar esta planta. Resolvi que além de ter a pimenta no prato, já que gosto bastante de acrescentar o molho de pimenta na comida, também a cultivaria no solo de minha propriedade”, diz Teles.

Pimentas Jalapeño

As plantas de pimenta possuem estatura baixa, cerca de 30 centímetros. Cada planta pode produzir aproximadamente 30 frutos, dependendo do manejo que recebe, conforme dados da Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária (Embrapa).

Na propriedade de Antônio Telles, o principal volume de mão-de-obra é contratado de forma temporária para os picos de produção, chegando a ter cerca de 100 trabalhadores em atuação no local. Fatores como a grande quantidade de pessoas contratadas para colheita e plantio, além do manejo que chega a receber até 20 aplicações de defensivos, com fungicidas e inseticidas durante todo o ciclo de desenvolvimento da planta, fazem parte da planilha de investimentos necessários para o desenvolvimento da plantação de forma satisfatória. O custo estimado de produção de um alqueire de soja gira em torno de 4,5 mil reais, enquanto que a produção de um alqueire de pimenta custa cerca de 40 mil reais. Proporção que também se aplica para a rentabilidade da cultura, chegando a reverter lucros até quatro vezes maiores da lavoura de pimenta em relação ao obtido à soja.

} PRÉ-PROCESSAMENTO

A produção de pimenta em Presidente Bernardes reúne a mão-de-obra na gestão do empreendimento de toda a família Telles. O pai Antônio Telles também conta com a ajuda dos filhos Rafael da Silva Telles, Lucian da Silva Telles e Antônio Telles Filho. Além da absorção do trabalho dos filhos na lavoura de pimenta, o agricultor também conta com a ajuda deles na sua indústria de pré-processamento, instalada no distrito de Nova Pátria.

No local as pimentas são selecionadas, lavadas e trituradas para serem acondicionada em barris de 240 litros, aproximadamente, e comercializadas efetivamente. “Criei a indústria de pré-processamento para agregar mais valor à minha produção”, comenta Telles.

As máquinas processam mil caixas de 8 quilos de pimenta por dia, produção total da lavoura. Nos barris, elas são guardadas em uma solução de sal e ácido, onde podem permanecer por até um ano em bom estado de conservação. Em cinco minutos são trituradas pimentas suficientes para encher um barril.

De acordo com o produtor, além do pré-processamento que atualmente realiza, os seus planos são de ampliar a indústria que possui e chegar a concluir o processamento dos molhos de pimenta, aumentando ainda mais o valor agregado de sua produção. Para se adequar às demandas de sabor do molho conforme diferentes mercados consumidores, Telles vem fazendo testes de mistura da pimenta Jalapeño com a Habaneira, na proporção de 10% desta nova variedade, que possui característica com maior picância, porém sua estrutura é menor.



Pimentas passando pelo primeiro processamento: seleção, lavagem e trituração.

} AS PIMENTAS NO BRASIL

Dados da Embrapa listam que a pimenta teve um papel secundário no mercado do setor de hortaliças, mas este cenário vem sendo alterado há mais de uma década, impulsionado por mudanças de hábitos alimentares do brasileiro e a absorção de novos produtos processados a partir da pimenta como conservas, geleias e outros derivados. A divulgação midiática de suas propriedades termogênicas medicinais também ajuda na sua aceitação popular. Tal característica acelera o metabolismo do corpo humano e consequentemente o consumo de energias durante o processo de digestão, auxiliando no emagrecimento.

A produção de pimentas vermelhas se estende por todo o território nacional, tendo os estados de São Paulo, Minas Gerais e Goiás como os principais centros produtores. Contudo, são diversas variedades cultivadas com maior abrangência conforme a região. As mais conhecidas, no entanto, são a Jalapeño e Cayenne, cultivadas justamente nestes três estados com maior volume de produção no país. “Aqui na região falta a Jalapeño no mercado e por isso a nossa produção é 100% absorvida por uma empresa de Presidente Prudente. ■



100% da produção é absorvida.



REGIÃO DE ASSIS MANDIOCA PARA INDÚSTRIA

Mais variedades indicadas para a região

Quais as variedades que apresentam menor variação de produtividade e produção frente ao genótipo do material, relacionado ao ambiente em que foram cultivadas? Pesquisas da Agência Paulista de Tecnologia do Médio Paranapanema (Apta), vinculada ao Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), ainda com resultados preliminares, avaliam diversas variedades de mandioca destinada à indústria e já indicam duas variedades ainda não utilizadas na região, mas que apresentam bom comportamento nos ensaios realizados, principalmente em solos mais arenosos. As variedades Nega Maluca e Iapar União, testadas em Echaporã, responderam bem aos manejos e às condições do solo disponíveis.

O pesquisador da Apta/IAC, Sérgio Doná explica que as duas variedades substituíram outros dois materiais que não vinham respondendo bem à realidade climática e à especificidade de solo regional. “Es-

tas duas cultivares já são cultivadas em outras regiões e estando sendo introduzidas aqui em pesquisas realizadas pela Apta, com bons resultados preliminares”, comenta. As variedades Nega Maluca e Iapar União que vêm sendo testadas em Echaporã são de ensaios recentes, cultivados em 2011 e 2013, e ainda estão em fase de conclusão de análises. Além destas duas, o acompanhamento de regularidade inclui outras variedades comerciais, em um total de 10 cultivares.

Outros dois ensaios foram cultivados também em solos mais férteis, com cultivos datados de 2011 e 2013. Doná explica que nos solos arenosos, as variedades IAC 14, IAC 90, Clone 9/90 e a Baianinha tiveram boa resposta à produção de raiz e matéria seca. Já a Cascuda, não se portou com bons índices nestes ambientes.

Por sua vez, nos solos argilosos, cultivos dos ensaios instalados em Cândido Mota e Palmital, a IAC 90

e a própria Cascuda apresentou boa produção por estar em solo de melhor fertilidade, produzindo satisfatoriamente tanto no que se refere à raiz como à renda. Neste mesmo ambiente, a IAC 14, vem apresentando um patamar intermediário de produção. “Em solo mais fértil, a IAC 14 tem um crescimento muito vigoroso de folhas e este excesso de vigor prejudica a raiz”, explica. Ele destaca que a mandioca é altamente influenciada pelo ambiente, com interação entre o genótipo dos materiais e as condições de clima e solo disponível para o seu desenvolvimento.

Diante dos dados já coletados nestes ensaios preliminares, o pesquisador enfatiza a importância da pesquisa para trazer novas variedades para a região, considerando a regularidade dos cultivares, conforme identificado nas análises. Tendo em vista a alta interação da mandioca frente à realidade do local em que está cultivada, ele reforça que o ideal para o produtor é que ele opte por plantar pelo menos duas variedades para reduzir os riscos, tendo a compensação de uma pela outra em caso de redução de produtividade.

Nos ensaios de Assis, região de solo arenoso, a colheita foi realizada em 2016. No entanto, nesta área foram registrados problemas com chuva, que comprometeram os materiais ocasionando o apodrecimento da raiz de algumas plantas. Mesmo assim, o pesquisador afirma que a Nega Maluca e a Iapar União se destacaram no quesito de teor de matéria seca, alcançando 40,4% de índice neste item. Nesta mesma avaliação, a IAC 90 apresentou o percentual de 37,4% de teor de matéria seca. Já no quesito produtividade, nos solos arenosos, a média foi de 21,75 toneladas por hectare, enquanto que nos argilosos, a produção por hectare foi de 30,2 toneladas.

} ABRANGÊNCIA DA MANDIOCA NA REGIÃO

Entre 1996 e 2014, período analisado em pesquisa desenvolvida pelos engenheiros agrônomos do IAC, Sérgio Doná, do Pólo da Apta/IAC do Médio Paranapanema, e Teresa Losada Valle, do IAC – Campinas/SP, a abrangência da mandioca na região apresentou um avanço considerável, principalmente nas regiões de solos arenosos devido a adoção do cultivar IAC 14. O comparativo realizado por estes dois pesquisadores entre os dois anos citados mostra uma ampliação na área plantada com mandioca de 4.160 hectares em 1996, frente aos 12.384 hectares registrados em 2014. O aumento geral chegou a ser de 198%. No entanto, se este comparativo considera apenas as áreas de solo arenoso, o crescimento passa de 300%.

Esta evolução na extensão de cultivo da mandioca nos solos arenosos, principalmente com o IAC 14, se deve ao fato de ter havido um bom desenvolvimento do cultivar nestes ambientes com menor fertilidade. Ele possui característica de alta rusticidade e estabilidade de produção, suportando condições de intempéries climáticas.



Conforme dados do IEA/CATI - SAA (2014), pelo menos 71% da área ocupada com esta cultura na região estão localizadas em cidades que possuem o solo com característica arenosa, como Echaporã e Campos Novos Paulista. "Em Campos Novos temos áreas grandes cultivadas com mandioca. Na maioria dos casos estes produtores fornecem a produção para as feccularias da região", diz o pesquisador Sérgio Doná. A instalação de feccularias com maiores estruturas de processamento e a mecanização da cultura influenciaram nesta mudança agrícola na região. Além disso, o melhoramento do manejo de controle de pragas e plantas daninhas também impulsionou a maior abrangência da mandioca de forma regional no Médio Paranapanema, entre outros. ■



www.biogene.com.br



O REFORÇO ACABA DE CHEGAR

A BioGene® agora conta com a tecnologia Leptra®



Os híbridos BioGene com a tecnologia Leptra® são comercializados com Tratamento de Sementes Industrial com Dermacor®

Os híbridos Leptra® apresentam excelente eficácia nas populações suscetíveis das pragas-alvo desta tecnologia.

Agrisure® e Agrisure Viptera® são marcas registradas utilizadas sob licença da Syngenta Group Company. A tecnologia Agrisure® incorporada nessas sementes é comercializada sob licença da Syngenta Crop Protection AG. YIELDGARD® é marca registrada utilizada sob licença da Monsanto Company. Tecnologia de proteção contra insetos Herculex® desenvolvida pela Dow AgroSciences e Pioneer Hi-Bred. Herculex e o logo HX são marcas registradas da Dow AgroSciences LLC. LibertyLink® e o logotipo são marcas registradas da Bayer. As marcas com ®, ™ ou ™ são marcas e marcas de serviço da DuPont, Pioneer ou de seus respectivos titulares. © 2016 PHIL
Programa de Boas Práticas Agrícolas: A utilização das tecnologias aqui contidas requer a adoção de boas práticas agrícolas para manter a suscetibilidade das pragas-alvo, prolongando a eficácia das tecnologias. Como boas práticas gerais recomenda-se a adoção de práticas de manejo de resistência e manejo integrado de pragas, como rotação de culturas, dessecção antecipada, tratamento de sementes, plantio de refúgio estruturado efetivo, controle de plantas daninhas e voluntárias e, se necessário, aplicação complementar de inseticidas. Para mais informações acesse www.boaspraticasagronomicas.com.br e veja o Guia de Uso de Produtos disponível em www.biogene.com.br.

Atenção: Defensivos agrícolas são perigosos a saúde, humana, animal e ao meio ambiente. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual e não permita o contato de menores de idade com defensivos agrícolas. Em caso de dúvidas contate um engenheiro agrônomo.

Leptra®
AgrisureViptera



DuPont
Dermacor®



PRODUTIVIDADE DA SOJA

Colher mais sem mexer no custo de produção

Estudos nacionais revelam que uma parcela de apenas 12% das lavouras de soja cultivadas no país tem apresentado uma produtividade média de 70 sacos ou mais por hectare. Outros 13% obtêm entre 60 e 70 sacos nesta mesma medida de área. Uma parcela de 20% vem obtendo uma produtividade de 50 sacos e metade está abaixo desta média. Na avaliação do professor da Universidade Federal de Pelotas, Paulo Dejalma Zimmer, com o custo de produção elevado e a relação desta commodity com o câmbio, a situação de estagnação na produtividade da soja é perigosa.

Segundo ele, os produtores do país incorporaram muitas tecnologias para a sua cultura, com uso de GPS, agricultura de precisão e outros, com sementes muito superiores em relação aos patamares anteriores, mas o uso destas tecnologias não está funcionando em sintonia com a produtividade, já que são adotadas as mesmas práticas para todas variedades. Ele enfatiza que o produtor precisa adotar

boas práticas com as sementes desta oleaginosa e o seu manejo para obter melhores resultados de produtividade. Segundo Zimmer, é possível colher mais sem mexer no custo de produção da cultura. Afirmar que o agricultor precisa se conscientizar que é possível colher 100 sacos sem mexer no custo de produção e para isso precisa analisar individualmente a planta na lavoura. Isso dependeria muito mais de gestão do que de investimentos.

O alcance de melhores resultados de produtividade seria obtido a partir do uso de insumos adequados. “Toda semente tem uma função, a de virar uma planta de alto desempenho. A gente percebe que atualmente as lavouras em que se colhe próximo a 40 sacos por hectare, normalmente é possível achar espaços de 30 a 40 centímetros vazios, sem planta”, cita.

Este assunto foi tema de palestra realizada no Centro de Eventos da Coopermot, realizado pela empresa Lagoa Bonita, em parceria com a coope-

rativa. Na ocasião, o professor chamou a atenção dos consultores e cooperados sobre a necessidade de buscar uma melhor produtividade para alcançar índices satisfatórios de produção na soja. “O segredo é ocupar o espaço de maneira uniforme. É preciso precisão pois o adubo que falta aqui (espaço com muitas plantas) sobra aqui (espaço sem plantas)”, alerta. Zimmer comenta que a agricultura é composta pela junção de luz, água e ar, componentes que são responsáveis por formar 95% do peso do grão de soja. O restante é formado pelos adubos e minerais. Diante disso, afirma que os produtores precisam posicionar bem as plantas para obter o melhor resultado disso.

Entre os requisitos citados por Zimmer para que a semente ofereça melhores respostas na produção está o vigor, incluída na qualidade fisiológica

da semente e que se relaciona diretamente com a germinação da planta. Conforme afirma, sementes com baixo vigor resulta em estandes com plantas desuniformes, mal distribuídas e, com isso, com desenvolvimento abaixo do esperado.

O professor comenta que a política do ministério da agricultura é de exigir um índice de 80% de germinação às sementeiras do país, tendo o teste de validade em vigência pelo período de seis meses. Contudo, destaca que no país, há regiões muito boas para se produzir uma semente e outras onde há dificuldades. “A análise do vigor da semente deve ser feita o mais próximo possível do momento de seu uso. Eu posso ter uma semente muito boa entre abril e maio e o mesmo material com vigor reduzido em setembro. A capacidade fisiológica da semente se altera com o tempo”, compara.



Produtores e técnicos da Coopermota assistem a palestra.

ERROS

Além do vigor, Zimmer enfatiza que as reduções de produtividade verificadas no país também se devem a erros no momento do plantio. Comenta que uma semente com alto potencial genético, com uma estimativa de 150 sacos, por exemplo, começa a perder esta capacidade já no momento do plantio por erros como velocidade do equipamento utilizado, irregularidades ocasionadas por problemas em regulagens e outros. Esta mesma variedade que chegou ao talhão com um potencial de 150 sacos perde pelo menos 50 sacos de potencialidade já no plantio.

No quesito “velocidade de plantio”, Zimmer salienta que se o trator estiver a 3,6 km/h, por exemplo, será disponibilizado o limite de apenas um segundo para que a plantadeira abra o sulco de plantio, distribua a semente e o feche novamente, estando já pronta para o próximo metro. No entanto, ele diz que não existe uma regra para esta medida, necessitando de avaliações individuais para que se obtenha sucesso na “arte de distribuir sementes de alto potencial na linha e na profundidade de forma correta”.



Representantes da Coopermota e Logoa Bonita na palestra do prof. Paulo Zimmer.



BOMBA E PLACA FOTOVOLTAICA ENERGIA SOLAR PARA GASTAR MENOS

Com a bomba movida a energia solar o produtor consegue reduzir custos com a energia usada para bombear água ao alambique que está construindo; na avaliação dos familiares, a energia solar permitiu o retorno de lembranças e realizações.

Na tribo indígena do povo Munduruku, localizada no estado do Pará, os recursos de utilização de placas fotovoltaicas para a geração de energia a partir da luz solar ofereciam alternativas ao uso da energia elétrica. “A maioria deles ficou surpresa, porque eles nunca tinham visto uma placa fotovoltaica. Para eles foi uma coisa nova. A placa de fato vai ter um efeito muito positivo para eles. O freezer deles também vai ficar ligado diariamente, antes só ficava ligado quatro horas por dia”, dizia a reporta-

gem da EBC que retratou a instalação dessas placas. A abordagem à iniciativa reforçava a argumentação da tribo, então contrária à construção da usina Tapajós prevista para as proximidades de sua aldeia, conforme havia sido anunciado pelo governo. Essa realidade foi acompanhada atentamente pelo produtor rural de Maracá, Vanderlei Simeão.

Quando o produtor assistiu a essa história na televisão ficou empolgado com a possibilidade de ter pouco gasto com a energia que seria necessária para

suprir toda a demanda de água destinada ao funcionamento do alambique que pretendia instalar na sua propriedade. Passou a fazer diversas pesquisas na internet sobre a energia solar, porém, foi na Copershow que teve contato direto com uma bomba que possuía essa característica. Ele acompanhou a simulação de uso do equipamento realizada durante o evento. Imediatamente soube que deveria comprar a bomba e as placas fotovoltaicas para o seu negócio.

Simeão logo percebeu que a aquisição deste equipamento serviria para realizar o seu próprio sonho, que era ter um alambique, como também o de seu pai, que sempre quis ter um açude na propriedade para o seu lazer. A partir de então se deslocou até Belo Horizonte para fazer cursos sobre a produção de cachaça em alambiques, visitou alguns locais mineiros onde ela é produzida e buscou se qualificar para esta iniciativa

Foi então dado início à construção do açude e do alambique no Sítio São Pedro, localizado no bairro


São Mateus, em Maracá. No local há um poço artesiano, utilizado para o abastecimento de água da propriedade e um outro poço caipira que estava sem uso há cerca de 50 anos. “Eu já estava pensando em tampar este poço. Não usava mais. Foi então que decidi usar nele a bomba movida a energia solar”, comenta Simeão.

O produtor explica que não tem dados muito precisos, porém tem a estimativa de uso de 15 mil a 20 mil litros de água para o alambique, já que a produção da cachaça exige alguns cuidados ligados à água. Segundo seus cálculos, com uma bomba comum, gastaria entre R\$ 400 a R\$ 600,00 de energia por mês, fora os demais gastos que teria com a instalação e outros.

A estrutura do alambique já está em fase de conclusão e a produção deve ter início em breve. Há pelo menos 60 dias já trabalha no projeto de construção do espaço. O prédio, o alambique de cobre, as dornas de inox e o sistema hidráulico estão parcialmente prontos. Restam apenas alguns detalhes.



Estrutura do alambique.



Representantes da Coopermota
conhecendo a estrutura do poço.

} ENVOLVIMENTO FAMILIAR

O Alambique Vitória, nome que vem sendo gestado entre os membros da família e que tem como principal defensora a mãe de Vanderlei, senhora Josefa da Costa Simeão, deve se tornar mais uma fonte de renda da família.

O sítio onde o alambique e o açude estão sendo construídos não é o local onde a família mora e sim uma residência que Josefa herdou do seu pai. “Vivi aqui algumas coisas que me marcaram”, comenta. E por falar em coisas de infância, o manuseio com produtos derivados da cana, como será realizado no alambique, já vem de família. Vitória Simeão Júnior e sua esposa, Josefa comentam que manipulavam muito a cana fazendo, inclusive, o açúcar que consumiam. “A propósito, você quer provar uma rapadura?”, interrompe a produtora, me propondo o consumo do produto que, segundo ela, sempre tem em sua casa. Na avaliação dos familiares, o bombeamento da água por meio da energia solar permitiu o retorno de lembranças e realizações.

} A BOMBA

A bomba adquirida por Vanderlei Simeão é da empresa Anauger e, segundo dados técnicos do equipamento, possui mais vazão de água com menor necessidade de potência, operando, inclusive em dias nublados. Ela é instalada por submersão, com sustentação realizada por mangueira e indicada para abastecimento doméstico, utilizações em irrigações de pequeno porte, gotejamento e criações de animais.

O equipamento tem capacidade máxima de 8.600 litros de água por dia a uma submersão máxima de 10 metros. Com as placas voltaicas, o sistema gera energia com potência de 175Watts, a qual é armazenada no driver que converte a energia em impulsos para o funcionamento da bomba. ■



PERDA DE PESO E PRODUÇÃO GEADA E PECUÁRIA: EFEITOS AINDA EM VIGOR

“Eu possuía bastante silagem e o canavial para recorrer diante da redução do pasto, mas se não chover até outubro terei problemas”, alerta pecuarista

Em algumas regiões o pasto chegou a ser afetado em 100% de queima, outros tiveram danos em torno de 30%. A geada que foi registrada na região trouxe danos e prejuízos a pecuaristas que possuem gado leiteiro em propriedades de Paraguaçu Paulista. Suplementações alimentares como massa de mandioca, cana e outras alternativas foram recorridas para compensar a redução de produção de grama destas áreas. Os pecuaristas com menor estrutura e preparo, no entanto, foram os mais afetados pela queima das pastagens devido à ausência de reservas como silagens e outras medidas. Nestes casos, sem as pastagens em ideal situação de vigor, as vacas leiteiras perdem peso e reduzem a produção de leite.

Na propriedade de Alan Sergio Lorencetti, no Sí-

tio Santa Luzia, em Lutécia, a geada foi mais amena, embora ele também esteja sentindo os efeitos da queima ocorrida. Ele explica que vem adotando a prática de corte de cana para a alimentação do seu gado, como também disponibilizando massa de mandioca e ração para as vacas leiteiras. No entanto, destaca que os pecuaristas também foram prejudicados com a falta de mandioca no mercado, já que as intempéries resultam no retardamento da colheita, e com alta no valor da ração. “Eu possuía bastante silagem e canavial para recorrer, mas se não chover até outubro terei problemas”, alerta. Segundo Lorencetti, ainda está sob controle a relação da situação do seu gado, a estrutura que possui e a fonte de alimentação dos animais.



O pecuarista, que também é veterinário, comenta que vem buscando o melhoramento da qualidade genética de seu rebanho. Criava até então animais mestiços no ponto de vista da raça e atualmente possui vacas da raça Girolando. “Em dois a três anos pretendo atingir 100 matrizes. Aí estarei chegando no patamar ideal”, diz.

Para obter esta ampliação, Lorencetti comenta que realiza adubações pautadas nos resultados de análises laboratoriais de solo para a correção química das regiões cultivadas com gramíneas destinadas à alimentação dos animais. “Sei que ainda não atingi o patamar ideal de cuidados com o solo. Ainda é preciso acertar as tecnologias que utilizo e manter os investimentos, mas sempre com cautela”, afirma. Tenho alguns tipos de gramas cultivadas.

O gestor da Unidade de Negócios da Coopermota em Paraguaçu Paulista, Cristiano Tomieiro, destaca que as pastagens melhores nutridas têm condições mais efetivas de se recuperar em situações de gada de menor intensidade.

Vacas leiteiras dependem da qualidade do pasto para boa produção.

A Mombaça é um colômbio com exigência maior de qualidade do solo, sendo bom para o período das águas e mais duro em momentos de estiagem, dificultando a aceitação dos animais ao seu consumo. Para o período de seca, o ideal é a Braquiária. “Arrendo uma área há cinco anos, onde é cultivado amendoim e é nessa área que pretendo fazer a expansão da área de pastagens do meu gado. Tenho outra área onde faço a sucessão de milho e amendoim, o que me ajuda na melhoria do pasto”, explica.

As dificuldades enfrentadas por alguns pecuaristas da região também ocorreram com produtores de leite do Paraná, onde a intensidade da geada foi maior. Em relação às circunstâncias de necessidade de fontes alternativas à pastagem para a alimentação do gado, o médico veterinário, Evando Vansin Forti, membro da Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina (Cidasc), comenta sobre alimentação do gado baseada apenas em pastagens, tendo em vista o período de inverno onde a redução das chuvas e o risco de geada são eminentes.

A exclusividade da pastagem pode resultar em consequências na produtividade leiteira. Neste caso, as silagens e o uso de feno, ou ainda as forragens verdes como a cana-de-açúcar, como realiza o pecuarista de Lutécia, seriam importantes para o controle da produção. “Os produtores precisam se precaver produzindo estas fontes adicionais de nutrição aos animais para passar pelo período de inverno sem quedas de produção de leite por falta de pastagens”, enfatiza.

Contudo, o veterinário alerta para o fato de que essas pastagens de inverno não são suficientes para suprir a necessidade de nutrição dos animais, sendo, portanto, importante que o pecuarista faça esta suplementação com supervisão técnica para a avaliação dos alimentos que vêm sendo oferecido ao gado. ■



Alan Sérgio Lorencetti acredita no controle do nível da produção com o uso de silagens



ATUAÇÃO DA COOPERMOTA EM PIRAJU ATRAI PRODUTORES E AUTORIDADES

No mês de agosto a Coopermota Cooperativa Agroindustrial inaugurou mais uma Unidade de Negócios, agora atuando também em Piraju. Com a abertura de mais esta unidade, a cooperativa passa a atuar em uma distância de 360 quilômetros entre as duas cidades localizadas nas extremidades do Sudoeste Paulista e o Pontal do Paranapanema. A cerimônia de inauguração ocorreu com a participação de produtores rurais da região e diversas autoridades da cidade. Desde a sua inauguração até o momento, a cooperativa vem contando com a adesão do agricultor para diferentes iniciativas de atividades ligadas ao campo.

A Coopermota tem atuação principal na área de grãos e insumos, contando também com a presença abrangente no setor de comercialização de equipamentos de pequeno porte para o uso diário tanto no campo como também para a área urbana. Comercializa motosserras, roçadeiras e máquinas de limpeza à jato, insumos para a cultura de grãos, café e cana-de-açúcar, além de rações, máquinas de grande e pequeno porte. A aquisição dos seus produtos pode ser realizada tanto por cooperados, que possuem benefícios específicos, bem como por clientes da cidade de uma maneira geral.





CENTRO DE EVENTOS DA COOPERMOTA LANÇAMENTO DA ADAMA

Solução Voraz contra lagartas

As sojas Bts trouxeram “sossego” aos agricultores que tiveram a sua preocupação reduzida no que se refere à existência de plantas daninhas nas lavouras, devido à tecnologia instalada nas sementes. Contudo, as lagartas continuam sendo um dos problemas que mais despertam a atenção dos produtores na busca pelo seu controle. Conforme dados da Crop Life Latin América, o setor investe aproximadamente 7,5 bilhões de dólares em pesquisas com o intuito de obter produtos da linha de defensivos e de sementes com tecnologia aprimorada, que visem o combate de pragas como as lagartas.

Como desdobramento de medidas como essa, a Adama lançou regionalmente, no Centro de Eventos da Coopermota, em Cândido Mota, o produto “Voraz”, proposto pela empresa como um instrumento

eficaz no combate de diferentes tipos de lagartas, inclusive as de difícil controle. Entre as pragas citadas pela empresa como aquelas que seriam combatidas com o produto estariam a Falsa-medideira, a *Helicoverpa armigera* e a *Spodoptera*, entre várias outras. O lançamento ocorreu em Cândido Mota, em agosto, e em outras 45 localidades do país.

O professor Aroldo Marochi abordou o tema do Manejo de lagartas em sojas Bt, durante palestra realizada no evento, que contou com aproximadamente 300 pessoas. Na sequência, o gerente de Portfólio da Adama, Pedro Singer, destacou a formulação do Voraz, composto pela combinação dos princípios ativos Novalurom + Metomil, os quais teriam um efeito residual prolongado e eficiência no controle das lagartas.







NOVAS MARCAS, A QUALIDADE DE SEMPRE.

JUNTAS, POR UM PLANETA MAIS SUSTENTÁVEL E PRODUTIVO.

SuperBAC e Minorgan somam mais de 40 anos de história, **desenvolvendo alternativas**, com a **introdução da biotecnologia**, para a entrega de soluções que tornam processos existentes mais produtivos e **sustentáveis** para o agronegócio, saneamento, óleo e gás, tecnologia de processos e bens de consumo.



INTEGRAÇÃO LAVOURA E PECUÁRIA SOJA, FENO OU BRAQUIÁRIA E GADO

A soja é um ótimo material para a fixação do nitrogênio no solo com um bom residual para as culturas seguintes

Em uma das áreas é realizada a sucessão de soja na safra verão, seguida de plantio de braquiária e, na sequência, utiliza-se a gramínea para alimento do rebanho. Desseca-se posteriormente este material para uso da palhada e planta-se soja novamente. Na outra, a sequência ocorre com soja na safra verão, plantio de feno, dois cortes da planta para a comercialização do material com diferentes utilizações e retoma-se o cultivo da soja. Há pelo menos três anos, estas duas áreas vêm sendo trabalhadas no sistema de integração entre a lavoura e a pecuária, o que tem possibilitado bons resultados comerciais para as duas situações, seja para o mercado do boi quanto para a lucratividade do grão.

Na Agropecuária Simões Filippini, em Paraguaçu Paulista, no Bairro do Alegre, esta medida já vem alcançando reconhecimento em relação às vantagens

obtidas, em uma atuação realizada sob supervisão de pesquisadores da Embrapa e Unoeste, que atuam como consultores particulares do produtor Pedro Simões Filippini. “A soja é um ótimo material para a fixação do nitrogênio no solo com um bom residual para as culturas seguintes”, enfatiza. Com isso, o pecuarista e sojicultor obtém bons resultados no feno e na braquiária, tendo ainda bons resultados na engorda do rebanho. Ele comenta que a região de sua propriedade é um solo arenoso, com índices de 7% a 10% de argila e sem haver atividades como esta, que reservam materiais orgânicos para ampliar os nutrientes do solo, aliado a adubações químicas e outros não há produção satisfatória.

Com relação à pecuária, Filippini comenta que com a gramínea cultivada na sucessão da soja, as novilhas magras que adquire para a engorda estão



Animais saudáveis e produtivos

prontas para o abate em outubro, período que a oferta do boi gordo é reduzida, o que favorece a valorização do preço pelo produto comercializado. “Neste período, só que tem engorda por confinamento ou esta que realizo, tem boi para venda. Alguns frigoríficos chegam a determinar férias coletivas nesta época. Vale muito a pena a integração com a lavoura”, diz.

Com a adoção das gramíneas, seja a Braquiária ou o Feno, o pecuarista deixa de cultivar a segunda safra com o milho, considerada uma cultura de risco, para manter o rebanho na engorda. “Mantenho três cabeças de gado por hectare, conseguindo um lucro de R\$ 4.500,00 com a comercialização desta quantidade de animais. Consigo assim um melhor lucro líquido em relação ao milho de segunda safra. Na criação do boi neste sistema dificilmente tenho perdas. No mínimo obtenho uma relação de igualdade entre o custo e o

lucro da produção”, comenta.

Ele afirma que a engorda do rebanho que adquire é finalizada em quatro meses. “Neste sistema o boi ganha 750 gramas de peso por dia. Em uma situação de pastagem normal, este ritmo de engorda não passa de 400 gramas. Sem a integração então, neste período de inverno, a engorda é praticamente zero”, destaca.

Filippini comenta que isso possibilita uma melhor estruturação e fertilidade do solo. “Com o manejo conseguimos criar a palha adequada para o plantio direto. Nossas áreas estão sempre recebendo cobertura vegetal, a fim de evitar erosões, e aumentar o teor de matéria orgânica no solo. Nossas emissões de carbono e utilização de combustíveis fósseis são drasticamente reduzidas”, garante.



Integração que garante bons resultados

} FENO

O agricultor Pedro Simões Filippini comenta que normalmente o feno é uma cultura solteira, mas quando adotada neste sistema de integração que pratica na sua propriedade, destaca que a quantidade de proteína obtida na gramínea devido ao residual da soja favorece a comercialização do feno. Segundo ele, sua produção de feno chega a ter em torno de 17% de proteína, sendo indicado para a nutrição dos animais, como cavalos, por exemplo. Já nos casos de comercialização de feno para forragens e outras medidas em que a proteína é desnecessária, utiliza a braquiária para esta medida.

A adoção da Integração Lavoura Pecuária vem sendo ampliada gradativamente pelo produtor rural, a partir do arrendamento de mais áreas localizadas em propriedades vizinhas. A produção de feno ocupa aproximadamente 12% da área total de cultivo de Filippini. Outras áreas também vêm sendo cultivadas com gramíneas variadas para experimentos compreendidas pelas gramas Piatã, Mombaça e Tanzânia, além de aveia, milheto, feijão guandu e Brachiária ruziense. “São plantas com composições distintas e que reagem de forma diferente em relação ao solo”, explica. ■



Agricultor Pedro Simões Filippini na plantação de feno.



FERTIACTYL®

FERTIACTYL® PÓS

MINIMIZA OS EFEITOS CAUSADOS PELOS
HERBICIDAS NAS PLANTAS CULTIVADAS
MAXIMIZANDO O POTENCIAL PRODUTIVO.





PINOCCHIO LITERATURA E AÇÃO SOCIAL NOS PALCOS

A apresentação teatral adaptada da literatura infantil, levada a Presidente Prudente pela Coopermota e outras quatro cooperativas teve, além do perfil cultural, abrangência social, a partir da doação de quase 500 litros de leite ao Fundo Social de Solidariedade

“- **S**abe que é seu peixinho, o meu filho Pinocchio me abandonou, sabe. Ele me deixou suzinho (sic), suzinho (sic) porque ele é muito mal. É! Mas não importa. Não importa, sabe, seu peixinho, porque se eu encontrasse o meu filho agora eu abraçaria tanto e daria tantos beijos, porque eu tô com tanta saudade dele!

- Pai, pai, eu tô aqui, pai!! Eu até corri só pra te buscar, pai!

- Me desculpa.

- Desculpa eu. Eu só queria ser um menino de verdade.

- E eu queria que você fosse perfeito, como um bonequinho, como um boneco, filho!”

Essa cena traz ao palco o momento mais emocionante do encontro entre pai e filho, o marceneiro Gepetto e o boneco Pinocchio, depois de desencontros e aventuras daquele que queria se tornar um menino de verdade. O espetáculo “Pinocchio”, do grupo A Peste, Cia Urbana de Teatro, de São Paulo, atraiu centenas de pessoas ao Centro Cultural Matarazzo, em Presidente Prudente. O espaço teve praticamente lotação máxima de expectadores que acompanharam a exibição da peça organizada pelas cooperativas Coopermota, Sicoob Cecres, Sicoob Paulista, Sicredi e Uniodont. A atividade fez parte da programação do Circuito SESCOOP de Cultura/SP.



Qualidade técnica
é destaque de Pinocchio

Entre a voz do juízo interpretada pelo grilo falante e os meninos levados que seduzem o boneco a desviar-se do caminho indicado pelo pai, bem como os personagens do teatro de mamulengo e a mulher faminta que busca por comida, Pinocchio segue sua trajetória, entrando em aventuras e sendo enganado em diferentes situações. Depois de muitas peripécias ele percebe que a razão maior de sua vida está no amor que sente pelo pai e pede desculpas a ele. Os dois então entendem suas fraquezas e se tornam novamente amigos.

Além do perfil cultural, a iniciativa também teve uma abrangência social a partir da doação de 464 litros de leite ao Fundo Social de Solidariedade. A arrecadação ocorreu mediante a troca de ingressos por dois litros de leite, viabilizados aos expectadores de forma antecipada nas cooperativas, que serviram como postos de trocas.

De acordo com dados da coordenação coletiva do evento, a atração visa aproximar a comunidade das cooperativas e contribuir com a ampliação do acesso à cultura onde as cooperativas têm atuação. Tais objetivos estão previstos entre os princípios cooperativistas seguidos nacionalmente por empreendimentos deste segmento.

Na peça, o boneco de madeira ganha vida e passa por diversas aventuras, sendo seduzido por diversas possibilidades de diversão. Depois de passar por várias situações inusitadas e aprendizados que ele leva para a sua vida, o boneco acaba se transformando em um menino de verdade. Essa transformação é comemorada por Pinocchio e por seu criador, o marceneiro Gepetto.



Público lotou o Teatro



Família do artista
privilegiando o espetáculo

REENCONTRO FAMILIAR

Pelo menos 50 pessoas da família do ator Jonathan Well, que interpreta Pinocchio, assistiram a peça. Alguns dos parentes eram moradores de Presidente Prudente, porém outros se deslocaram de cidades da região como Mirante do Paranapanema, Bauru e mesmo de São Paulo, para acompanhar a interpretação de Jonathan. “Foi uma emoção muito grande poder ver o Jonathan no palco. Ainda não tinha visto uma apresentação dele”, comenta a tia de Mirante do Paranapanema, Geni Lima da Silva. A filha, Ana Paula Lima, comenta que pela distância até São Paulo, ficava difícil se deslocarem até a capital para ver suas apresentações. “Ficamos muito felizes de assistir à peça aqui”, diz.

Ao final da apresentação dezenas de integrantes da família foram até o palco para fazer fotos com o ator. A descontração e animação pelo encontro era facilmente percebido entre eles. “É uma emoção especial poder contracenar sabendo que minha família está me vendo”, afirma Jonathan. A avó, Luzia Pereira de Souza, que veio de São Paulo acompanhando o ator, destaca que o neto é um menino muito especial e destaca a sua transformação quando está em cena. “Acho que o jeito de falar é o que fica mais diferente quando ele se transforma no personagem”, diz. ■



5 cooperativas parceiras
viabilizaram o evento.



ASSIS KUSODAMA E COOPERAÇÃO

Dobraduras que ensinam

Um total de 60 pedaços de papéis coloridos no tamanho de 15x15 centímetros distribuídos entre cerca de 45 estudantes. A partir da dobradura destes materiais, os alunos da escola municipal de ensino infantil e fundamental, Professora Maria José da Silva Valverde, de Assis, foram sensibilizados sobre a importância da cooperação para a obtenção de objetivos comuns. A iniciativa faz parte do projeto de Formação de Público para a Cooperação e o Cooperativismo, que integra o Circuito SESCOOP de Cultura, realizado em Assis com a parceria das cooperativas CooperMota, Unicred Bandeirantes, Unimed e SicoobCredimota. A iniciativa envolveu alunos do quarto e quinto ano do ensino fundamental, em oficinas realizadas nos períodos matutino e vespertino.

A artista Liane Bittencourt, de São Paulo, conduziu

o ensino da técnica japonesa que foi levada às crianças para abordar o tema da cooperação. A “flor” formada a partir da participação de dezenas de pessoas nas dobraduras só se realiza com o envolvimento de todos. Para cada Kusodama os pedaços de papel são dobrados estrategicamente para a composição final de colagem das 12 flores realizadas no sistema de dobradura.

Além da oficina de dobradura, também fizeram parte deste projeto, a apresentação de um espetáculo, “O Coelho Engenheiro”, a leitura do livro “O Menino que Cooperava”, e a oficina de Kusodama, todos com a reflexão sobre o tema. Trata-se de uma proposta de ação continuada para que o cooperativismo e a cooperação sejam incorporados no dia a dia das crianças.



Alunos de Assis na Oficina

PERCEPÇÃO DAS CRIANÇAS

As crianças receberam as informações de forma bastante atenciosa e assimilaram a reflexão sobre a importância de cooperar com o colega para a realização de ações conjuntas. Tal fato pôde ser percebido na fala de Raquel Evangelista, de nove anos, que respondeu prontamente ao ser questionada sobre a atividade que estava desenvolvendo no início de agosto, em comparação com o teatro já assistido no dia 09 de junho, antes do início do recesso escolar da unidade. “O mais importante que percebi é que eles (os personagens da peça teatral) cooperavam entre si e aqui também temos que ajudar o outro a fazer a flor”, comenta.

Da mesma forma, Maria Fernanda Rodrigues de Melo, que também tem nove anos, enfatiza que no teatro que assistiu, o que mais gostou foi perceber que cada um dos personagens tinha ajudado na construção da casa. “No começo eles estavam querendo competir (na construção da casa) mas depois eles acabaram se ajudando. Foi bem legal”, diz.

Já na dobradura do Kusodama, foi Eduarda Dias Alcântara, nove anos, que relata a experiência de ter atuado em cooperação com o colega, assimilando a

proposta do projeto. “A gente viu que todo mundo precisa fazer a dobra certa porque senão a flor não sai. Teve uma menina que errou no nosso grupo e aquela flor foi perdida”, lembra.

Maria Vitória Vaz Borel, nove anos, por sua vez, conta que percebeu a necessidade de ajudar o colega que estava ao seu lado, já que ele tinha usado muita cola e não conseguia concluir o processo de colagem da dobra. “A gente tirou juntos o excesso de cola e ficou certo”, afirma.

Enquanto a atividade de dobraduras de origamis é novidade para a maioria das crianças, outras já demonstravam bastante proximidade com esta ação. Tainara Akeme Ueno, de 10 anos, conta que faz origamis com o pai desde os seis anos. “Faço vários origamis, mas o que mais gosto é a flor de papel. Gosto de fazer as dobraduras e hoje estou ajudando os meus colegas que têm dificuldades”, destaca. Akeme dobra o papel com agilidade e rapidez, compreendendo facilmente o processo ensinado pela professora, que se utiliza de um papel maior apoiado na lousa para fazer as dobras. “Com certeza vou tentar fazer esse Kusodama em casa”, afirma.



Concentração e cooperação

TEATRO E LIVRO

Em julho, as crianças assistiram ao musical infantil *O Coelho Engenheiro*. A narrativa aborda a história de vários bichos que constroem a casa onde morariam em uma clareira da floresta e descobrem a importância do trabalho em cooperação. O coelho engenheiro, apaixonado pela coelhinha, fez o esboço da casa onde poderiam morar. A casa, no entanto, era requisito para que ela pudesse aceitar o pedido do namorado. O desenho acabou sendo mostrado por ela para outros animais e todos também começaram a alimentar o sonho de ter a sua própria casa a partir daquele esboço. O bode, a onça, o macaco, e o pato se envolveram nesta empreitada, cada um a seu modo, porém sem saber que um ajudava o outro

na construção da mesma casa, já que cada um fazia um pouco para a obra em momentos distintos. Ao descobrirem que atuavam na mesma casa, resolveram se unir para que cada um pudesse ter a sua. Os estudantes não pouparam esforços, ao final da peça, em conseguir um momento para a foto como a doce coelhinha que reforçou aos alunos a importância de cooperar com o outro.

Ao final do espetáculo, a escola recebeu o livro “O menino que cooperava”. Os alunos estudarão o tema por meio da leitura dos exemplares doados. A obra é de autoria de Luiz Roberto Dalpiaz Rech, fundador e atual vice-presidente da Cooperativa Universidade de Líderes Juventude Sem Fronteiras – COOPLÍDER. ■



todos orgulhosos do resultado final

Fertilizante Foliar **SUPER** **Full**

O **SUPER FULL** é uma formulação especial que contém Nitrogênio, Fósforo e Aminoácidos, atua no fortalecimento da parede celular das plantas, induzindo uma maior tolerância a entrada de patógenos, proporcionando maior sanidade e produtividade a cultura.



COOPERJOVEM

COOPERMOTA

2016

Iepê forma primeira turma do Programa Cooperjovem de 2016

Formar uma sociedade que entenda a importância da cooperação, cidadãos que saibam valorizar o cooperativismo e também sejam multiplicadores dos seus ideais e maneiras de construir um mundo melhor, esse é o objetivo do Cooperjovem, programa nacional realizado pelo Sescop e que tem as cooperativas locais como parceiras.

Na cidade de Iepê 31 professores da rede municipal de educação se formaram multiplicadores via capacitação do programa Cooperjovem que foi encabeçado por iniciativa das cooperativas Coopermota e o SicoobCredimota.

Os professores passaram por dez encontros presenciais com temas que dizem respeito à cooperação, o sistema educacional brasileiro, metodologias e práticas pedagógicas. Além da parte teórica vários trabalhos foram desenvolvidos ao longo dos meses.

Com a formatura tendo sido em agosto, a turma de Iepê será a primeira a participar do encontro estadual do cooperjovem com os professores já certificados pelo programa o que viabilizará aos mesmos compartilhem suas experiências. Este é o fim apenas da primeira fase, pois a partir da conclusão do curso de formação, é desenvolvido o Projeto Educacional Cooperativo - PEC na escola que tem acompanhamento do SESCOOP/SP e das Cooperativas parceiras por mais dois anos.





CÂNDIDO MOTA TEATRO ESCOLA E MEIO AMBIENTE

Teatro de bonecos inspira preservação do meio ambiente.

A simplicidade e os devaneios do homem caipira junto à sua canoa, companheira de todas as horas, principalmente para o momento da pesca, acompanhados do imenso Jatobá compõem uma história de simplicidade e valorização da cultura popular. Entre conversas e questionamentos os três, o caipira, a canoa e o Jatobá, o tem da preservação ambiental e o cuidado com os animais chegou de forma descontraída aos estudantes do Centro Vocacional Frei Paulino, de Cândido Mota. A instituição comemorava a data de 45 anos de existência e fazia do teatro a forma de envolver as crianças com informação e entretenimento.

Em um dado momento, Zé, o boneco que representa o homem simples do interior brasileiro, percebe que sua canoa podia se comunicar com ele. A partir de então o pescador e sua amiga, iniciam o diálogo diário que determina os rumos da prosa a ser desenvolvida no teatro escola colocado em prática pela Cia Bonecos. A narrativa do espetáculo “O curso do rio”, envolve também o Jatobá falante e o médico que fica

intrigado com a habilidade do pescador em falar com a objetos inanimados e se motiva a tratá-lo.

Sentados sobre tapetes, os alunos do Centro Vocacional se aglomeraram no auditório da instituição para acompanhar a peça com bonecos. O envolvimento e a atenção dos alunos foi imediata, desde a entrada dos atores com um pano que passava sobre suas cabeças, simbolizando “o curso do rio”.

A peça desenvolvia pela companhia Bonecos Urbanos trabalha com aspectos da cultura popular brasileira, utilizando-se de músicas como o samba e a ciranda, além de fazer adaptações de textos da literatura nacional de autores como Machado de Assis e outros. No caso específico do espetáculo “O curso do rio”, a adaptação foi baseada no livro “Rosinha Minha Canoa”, escrito por José Mauro Vasconcelos, que também assina o livro “Meu Pé de Laranja Lima”, conhecido nacionalmente. O objetivo da peça, conforme seus autores, é despertar a atenção dos estudantes para a importância da preservação da natureza, incentivando-os ainda à prática da leitura.



Os bonecos envolvem os alunos do Projeto do centro vocacional frei Paulino

} BONECOS URBANOS

O grupo foi montado em 1998 a partir da iniciativa dos atores Edu Alves e Rubinho Louzada, que também atuam no programa Cocoricó, da TV Cultura. A companhia desenvolve a pesquisa de atuação em diferentes ambientes com o teatro de animação a partir de bonecos, utilizando-se de técnicas que aproximam o ator do público expectador. Para isso, ado-

ta as linguagens do teatro de rua, a Comédia Dell'arte e o teatro popular. "A intenção é apresentar espetáculos que conquistem os expectadores e sejam acessíveis as pessoas de todas as idades e classes sociais, democratizando a arte e valorizando os espaços públicos", afirmam os idealizadores em blog oficial do grupo. ■

ULTRAZEB[®]

Premium

A INOVAÇÃO A FAVOR DA MÁXIMA PRODUTIVIDADE



Fácil Manuseio



Doses Reduzidas



Alta Solubilidade



Alta Compatibilidade



Alta Tecnologia de Aplicação



Alta Produtividade

Melhor desenvolvimento para as plantas.
Equilíbrio nutricional com aumento de resistência a doenças.

PREMIUM

ALIMENTO COMPLETO PARA CÃES ADULTOS



LANÇAMENTO

EXTRATO DE YUCCA



REDUZ ODORES DAS FEZES



ÔMEGA 3 E 6



DIGESTIBILIDADE EXCELENTE



SEM ADIÇÃO DE CORANTES



 **Ração Animal**
Coopermota

